



## A QUESTÃO DA AUTORIA NO LIVRO DIDÁTICO

Miriam Bauab Puzzo\* (UNITAU)

### Resumo:

O objetivo deste artigo é discutir a questão do autor e da autoria no livro didático, na perspectiva bakhtiniana, considerando o posicionamento axiológico e o tom valorativo do autor. Para cumprir esta proposta, foi selecionado o exemplar *Português: língua e cultura* (2010), vol.1 da coletânea destinada ao Ensino Médio de Carlos Alberto Faraco. Espera-se com essa análise demonstrar que na escolha de um livro didático deve-se considerar não apenas o conteúdo, mas o posicionamento do autor que interfere na elaboração do conteúdo e das propostas de atividades que envolvem professor e aluno de modo interativo.

**Palavras-chave:** livro didático, autoria, análise dialógica da linguagem, ensino.

### Abstract:

This paper aims to discuss the issue of author person and authorship in the textbook, in Bakhtinian perspective, considering the positioning and axiological evaluative toe of the author. To fulfill this proposal was selected Carlos Alberto Faraco's book *Portuguese: Language and Culture* (2010), vol.1 collection intended for the second grade school. It is hoped that this analysis demonstrate that the choice of a textbook must consider not only the content, but the author's position that interferes with the preparation and content of proposed activities involving teacher and student interactively.

**Keywords:** textbook, authorship, dialogical analysis of language teaching.

## Introdução

Se a questão da autoria no plano literário parece resolvida, compreendendo-se o autor como um ser distinto do narrador, a confusão entre o autor pessoa e aquele que assina o texto em outros gêneros que não o literário ainda permanece. O

problema autoral é crucial para Bakhtin e é tema recorrente em vários de seus escritos, a princípio discutido no plano estético e depois, na década de setenta, no plano das pesquisas em Ciências Humanas. O princípio desencadeador dessas reflexões está centrado no conceito de linguagem constitutivamente dupla, em que o eu e o outro se encontram em diálogo permanente o que define o teor de um enunciado. Assim, o responsável por um enunciado mais formal, resultante de pesquisa, distancia-se de seu objeto para avaliá-lo e nesse distanciamento avaliativo imprime sua visão valorativa, levando em consideração seu posicionamento ideológico, seu contexto imediato e a teoria que lhe serve de apoio. Sendo assim, nenhum resultado de pesquisa em Ciências Humanas pode ser considerado totalmente neutro, pois o outro que habita o pesquisador mantém sempre um diálogo tenso com os outros enunciados que o antecederam a favor ou contra o qual o autor, como pesquisador, se posiciona, ainda que de modo implícito.

Tendo em vista essa problemática, o presente trabalho questiona a isenção absoluta de um autor de livro didático. Seria apenas um compilador de trechos ou fragmentos textuais com o objetivo de tornar mecânicas as respostas dos leitores-aprendizes, ou haveria na assinatura da obra didática um posicionamento autoral, em que aparecem a posição axiológica e o tom valorativo do autor, marcando, portanto, a autoria?

Para discutir tal questão, foi selecionado o livro didático de Carlos Alberto Faraco, conhecido pesquisador de extrato bakhtiniano, cuja obra é considerada bastante pertinente no momento atual, a partir do próprio título: *Português: língua e cultura* (2010). Como objeto investigativo foi selecionado o 1º volume de um conjunto de três, com especial enfoque no diálogo do autor com o público: professores e alunos do ensino médio. O exemplar escolhido é de uma edição destinada ao professor, no qual o autor procura esclarecer o processo de aprendizagem e as ações esperadas pela sua proposta didática. Também faz uma apresentação do livro para o aluno, explicitando as escolhas de modo a motivá-lo, despertando-lhe o interesse pelo estudo da língua. Também é preciso considerar que o livro também conta com a participação do diagramador e do ilustrador que, de certo modo, dialogam com o autor, compondo uma unidade enunciativa.

## Fundamentação Teórica

O problema da autoria é uma questão crucial no estudo do enunciado concreto discutido por Bakhtin e pelo Círculo em vários textos, entre eles “O autor e o herói na atividade estética”, escrito na década de 20 e reproduzido no fragmento intitulado “O Autor e a personagem”, publicado na *Estética da criação verbal* (2003), uma coletânea de ensaios escritos em épocas diferentes; também aparece no texto “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” de 1924, que compõe a coletânea de ensaios reunidos na obra *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, organizado em 1975 e traduzido no Brasil na década de 90.

Antes mesmo dessas publicações, em suas primeiras reflexões filosóficas a respeito da responsabilidade ética do autor na atividade estética, Bakhtin já sinaliza algumas observações que irão ser desenvolvidas ao longo de várias obras. Ao considerar as ações humanas como respostas em relação à vida e por isso individualmente marcadas por eventos únicos e irrepetíveis expressas na comunicação entre os seres humanos, o autor, apesar de refletir sobre a atividade estética, deixa entrever em suas considerações uma proposta teórica que diz respeito às atividades humanas e, em consequência, à linguagem como produto da interação comunicativa. Em suas palavras:

O princípio arquetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquetonicamente válida entre o eu e o outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. (BAKHTIN, 2010, p. 142)

Essa duplicidade constitutiva, com a qual Bakhtin concebe a linguagem humana, é discutida de modo mais específico por Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado na Rússia em 1929. Nesta obra, a palavra concebida, por sua natureza, como meio de comunicação e de interação social já apresenta essa dupla realidade:

... toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para*

alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. (grifos do autor) (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.117)

Se a palavra em sua essência apresenta essa característica, os enunciados constituídos por palavras são desdobramentos de tal duplicidade. Sendo assim, há um diálogo instaurado na materialidade enunciativa, tornando o enunciado uma resposta aos enunciados que o antecederam. Desse modo, o enunciador mantém sempre uma posição axiológica e valorativa em relação ao contexto o que impede a neutralidade enunciativa, pois as palavras ou os signos verbais e visuais que os compõem apresentam-se sempre carregados de sentidos, porque são produtos de uma cadeia discursiva. Explorando um pouco mais essa questão, Bakhtin afirma:

Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (BAKHTIN, 2003, p.330)

Seguindo ainda as considerações do autor, o sujeito, em sua manifestação comunicativa, apresenta o resultado da inter-relação entre o eu e o outro, ou seja, entre o que o constitui e o que recebe como herança do contexto sócio-histórico:

[...] a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em conseqüência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o "conteúdo a exprimir") à sua objetivação externa (a "enunciação") situa-se completamente em território social. (Idem, Ibidem, p. 121-122)

Em decorrência desse processo, o enunciado é marcado tanto pelos valores sociais que as palavras expressam como os do sujeito enunciator em função de sua experiência pessoal diante da vida. Tal perspectiva já estava posta em *Marxismo e filosofia da linguagem*, quando a questão da visão ideológica é discutida como parte integrante da linguagem, tendo em vista que esta é adquirida e esta aquisição já vem carregada de sentidos ideológicos inconscientes ou imperceptíveis ao indivíduo em função de seu lugar situado no contexto social. Citando o autor:

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem-definidas. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.117)

Portanto, o enunciado se constitui pela tensão entre o mundo interior do indivíduo e o contexto ao qual reage, concordando, discordando, aceitando (BAKHTIN, 2003, p. 278 ). Sendo assim, o enunciado torna-se uma arena em que o eu e o outro se confrontam e, sob esse aspecto, o enunciador expressa direta ou indiretamente sua visão de mundo, sua posição axiológica diante do objeto de que trata. Assim, a avaliação não é algum enunciado do autor, mas, pelo contrário, manifesta-se na organização do material linguístico, ao qual o autor lhe empresta seu tom valorativo (BAKHTIN, 2003).

Se a princípio essas questões eram discutidas no âmbito da linguagem em geral e em específico nos textos literários, usados como referência, elas serão discutidas de modo mais completo posteriormente. Encontra-se nesses primeiros textos, em embrião, o princípio que vai ser desenvolvido a respeito das atividades de pesquisa e do posicionamento axiológico do pesquisador e de seu outro. Os ensaios que vieram à luz na década de 70 e que se encontram na *Estética da criação verbal* (2003), sob o título “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas” e também nos apontamentos “Metodologia das Ciências Humanas”, ampliam a discussão sobre a linguagem como meio de comunicação em geral e em especial nos resultados de pesquisa em função do posicionamento do pesquisador. As reflexões teóricas de Bakhtin contemplam a linguagem nas diversas disciplinas de conhecimento humano em que a pesquisa predomina, pois segundo o autor, “Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2003. p.307).

Nessa perspectiva, a visão do pesquisador é entendida como a de um sujeito que dialoga tanto com seu objeto de pesquisa quanto com os resultados de pesquisa de outros pesquisadores. Portanto no processo de investigação, o pesquisador se desdobra em outro reagindo a ele em função de seus valores, de sua visão de mundo, de suas concepções vitais. Como afirma Bakhtin:

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa). (BAKHTIN, 2003, p. 332)

Do ponto de vista deste filósofo linguista, não há pesquisa neutra, porque o seu resultado, expresso em palavras decorrentes de sua interpretação, depende do olhar do pesquisador, de sua postura ético-valorativa. No ensaio *Para uma filosofia do ato* (2010), uma das primeiras reflexões de Bakhtin sobre a responsabilidade do ato, tanto do escritor quanto de qualquer enunciadador realmente integrado em seu papel humano, o conceito de ética, responsividade ativa do homem diante do mundo e em suas relações com seus semelhantes é o componente distintivo das atividades mecânicas, da falta de compromisso com a vida, muitas vezes manifestas numa concepção de linguagem automatizada. Nessa perspectiva:

O enunciado pleno já não é uma unidade da língua (nem uma unidade do “fluxo da língua” ou “cadeia de fala”) mas uma unidade da comunicação discursiva, que não tem significado mas *sentido*. (Isto é um sentido pleno, relacionado com o valor [...] e que requer uma compreensão *responsiva* que inclui em si o juízo de valor). (BAKHTIN, 2003, p. 332)

Sendo assim, na visão bakhtiniana, o sentido atribuído ao enunciado distancia-se do paradigma lexical cuja interpretação fica reduzida ao sentido de dicionário. Ao integrar um enunciado, as palavras passam a incorporar um sentido que o autor lhe imprime, ressoando em duas vozes, o sentido literal e o novo sentido que o enunciado faz ecoar. Ao imprimir sua assinatura ao enunciado, o autor já expressa seu posicionamento pelo qual se torna responsável. Como afirma o autor: “Se eu penso num objeto, estabeleço com ele uma relação que tem o caráter de um evento em processo” (BAKHTIN, 2010, p. 86).

Desse modo, ao dedicar-se à observação de seu objeto de pesquisa, o autor a princípio identifica-se com ele, mas depois o observa e nessa observação com distanciamento, interpreta-o sob a luz de sua individualidade valorativa, de seu

compromisso com o que acredita ser a verdade, o resultado de sua busca. Portanto, sua linguagem está impregnada dos valores éticos que o constituem ao assumir uma atitude responsiva, que leva em consideração seu auditório e seu horizonte social. O tom específico desse enunciado é a marca autoral de sua assinatura:

O que importa é o tom, separado dos elementos fônicos e semânticos da palavra (e dos signos). Estes determinam a complexa *tonalidade* da nossa consciência, tonalidade que serve de contexto axiológico-emocional na nossa imaginação (plena e centrada nos sentidos) do texto que lemos (ou ouvimos), bem como em uma forma mais complexa e no processo de criação (de geração) do texto. (BAKHTIN, 2003, p. 404)

No gênero literário essa questão fica mais evidente, como demonstra Medviédev em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (1928/2012) quando questiona a crítica formalista em seu método redutor de analisar o gênero literário. Como indica o autor, apesar de a língua ser o sistema por meio do qual o homem se expressa, pois fora da palavra é “impossível uma consciência ideológica minimamente clara” (p.198), só os elementos de composição linguística tomados isoladamente não dão conta da totalidade comunicativa, como pretendia a crítica formalista.

Para esse autor, é preciso compreender o conjunto enunciativo em sua dupla orientação, a expressão interior do enunciador em sua relação com o exterior. Esse processo, crucial no gênero literário é amplificado quando Bakhtin discute o conceito de enunciado concreto em sua dupla orientação, cujo ponto nodal é o tom avaliativo do enunciador em todas as formas de comunicação, diferindo apenas em grau.

Portanto, o comentário de Medviédev, em relação à crítica formalista da obra literária, ganha novo enfoque na perspectiva bakhtiniana dos gêneros. O conceito de enunciado concreto, deslocado do texto literário, se desdobra em novas possibilidades de compreensão do processo comunicativo e da responsividade dos enunciadores. Podemos dizer que Bakhtin se debruça sobre os gêneros em geral, tendo como norte o que Medviédev pontua em relação a eles, de que os

atos de orientação do homem na realidade, que são interiores, íntegros e expressos de modo material, assim como as formas desses atos, são extremamente importantes. É possível dizer que a consciência humana possui uma série de gêneros interiores que

servem para ver e compreender a realidade. Dependendo do meio ideológico, uma consciência é mais rica em gêneros, enquanto outra é mais pobre. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 198)

Em sua concepção mais abrangente do enunciado concreto na forma genérica, Bakhtin acentua a entonação como expressão desses valores que constituem o enunciador e se expressam no tom volitivo-emocional de seu enunciado. Como ressalva, o filósofo aponta os gêneros que são mais permeáveis a tais inflexões, como os literários, os jornalísticos, os publicitários, iniciando pelo comentário a respeito dos gêneros informais (2003, p. 283):

[...] os diversos gêneros cotidianos breves de saudações, despedida, felicitações, votos de toda espécie, informação sobre a saúde, as crianças, etc. A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e além disso de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas (estas são diferentes das familiares). Esses gêneros requerem ainda um certo tom, isto é, incluem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva.[...] A maioria desses gêneros se presta a uma reformulação livre e criadora (à semelhança dos gêneros artísticos, e alguns talvez até em maior grau)...

A partir dessa conceituação genérica, Bakhtin trata a linguagem em suas formas de expressão mais abrangentes. Também apresenta em consonância com o Círculo,

uma concepção do ser semiótico no mundo dos sujeitos de linguagem que são os seres humanos, sendo pois uma semiótica filosófica da cultura, ou seja, uma concepção filosófica profunda de como a cultura – e os sujeitos em seu âmbito — cria e assume o mundo dado e o transformam necessariamente em mundo postulado.(SOBRAL, 2013, p. 125)

As considerações de Sobral sinalizam as reflexões posteriores de Bakhtin sobre a linguagem nas Ciências Humanas e a posição axiológico-valorativa do pesquisador ao compor o resultado de sua pesquisa, imprimindo-lhe sua assinatura. É o que discute Marília Amorim em sua obra *O pesquisador e seu outro* (2004), ao demonstrar como, no processo de pesquisa, o enunciado é permeado de vozes alheias que atuam sobre o processo enunciativo deixando suas marcas. Por outro lado, na reconstrução da pesquisa em forma de relato, o enunciador deixa-se permear pelos valores que o constituem:



Isto não quer dizer que a reconstrução restituiria a enunciação real, tal qual; a equivalência dêitica que acabamos de construir teria sempre um estatuto segundo, isto é, de instância criadora e epistêmica. Instância que faz com que a enunciação em Ciências Humanas não seja nunca uma *frase* como acontece na matemática, mas permanece sendo enunciado. (AMORIM, 2004, p.255) (grifos da autora)

De acordo com tais considerações, o enunciado conserva o tom valorativo de seu autor, ainda que disfarçado pela camisa de força dos procedimentos metodológicos de análise. O encaminhamento e a seleção dos recortes dos resultados de pesquisa naturalmente marcam a autoria do pesquisador, não no nível literário, mas na atitude responsiva/responsável de seus atos.

É com essa perspectiva que procuramos encontrar a autoria na elaboração de um projeto didático, plasmado em uma obra direcionada ao ensino de Língua Portuguesa, assinada por Carlos Alberto Faraco. Essa escolha não é aleatória porque leva em consideração o lugar situado de seu autor, conhecido como pesquisador de linha bakhtiniana, tradutor de várias obras de Bakhtin, professor universitário, envolvido com pesquisas sobre a linguagem e com as práticas do ensino de língua materna; autor de vários livros didáticos, entre eles, o mais recente, destinado ao Ensino Médio, *Português: língua e cultura* (2010), selecionado aqui como objeto ilustrativo .

## **A Questão da Autoria no Livro Didático**

Aparentemente, o autor que assina um livro didático não tem voz já que a organização do livro representa uma compilação de material, com o intuito de facilitar a apreensão de conceitos teóricos relacionados ao ensino de língua e literatura, de modo a facilitar tanto o trabalho do professor quanto a aprendizagem do aluno. Entretanto, a organização de um livro didático passa por um processo de pesquisa, de seleção e de proposição de questões a respeito dos conteúdos temáticos que o compõem e, sob esse aspecto, são reveladores de uma posição valorativa do autor. As escolhas aparentemente aleatórias, muitas vezes recortadas e reproduzidas de outros manuais, encobrem esse aspecto subjetivo de sua autoria. Naturalmente, o organizador da obra didática faz a sua proposta em função de vários fatores, considerando que sua obra terá um objetivo funcional de aplicação no ensino. De certo modo, encontra-se em sintonia com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais regidas pelo Ministério de Educação e Cultura, pelos exames do ENEM e dos processos de seleção dos vestibulares para

ingresso nas universidades, com os quais dialoga. Responde, portanto, nessa primeira instância a um interlocutor institucional.

Num segundo momento, responde também aos anseios de um público interessado: professores e alunos do Ensino Médio. Os professores como intermediários do processo de aprendizagem proposto pelo livro didático e os alunos como os destinatários que é preciso atingir de modo a motivá-los ao diálogo com o material apresentado. Esse horizonte social do público a que a obra se destina orienta a pesquisa do autor e a organização da obra de modo a atender às necessidades do momento. Responde ainda às propostas anteriores de outros livros didáticos, de modo a preencher o espaço que as outras obras não contemplam. Observa-se, assim, que nesse enunciado concreto que constitui o livro didático o autor dialoga com vários interlocutores, respondendo a eles em função de seu projeto comunicativo e dos valores éticos que o orientam, embora esse aspecto não fique explicitado, mas sugerido pelas escolhas de textos, pelas propostas de exercícios bem como pela concepção de linguagem. Como afirma Marília Amorim (2004, p. 97):

A alteridade sob a forma de diálogo e da citação é pois o traço fundamental da linguagem. Não há linguagem sem que haja um outro a quem eu falo e que é ele próprio falante/respondente; também não há linguagem sem a possibilidade de falar do que o outro disse.

Entretanto, além dessa relação dialógica, existe o posicionamento pessoal do autor diante das questões que procura resolver na pesquisa do material selecionado, bem como na proposição de exercícios considerados essenciais para o desenvolvimento e a fixação do conhecimento pelo aluno.

Sob esse aspecto, existe uma orientação teórico-ideológica que se expressa em várias instâncias. Interessa nesse espaço restrito, com intuito demonstrativo, um recorte da parte introdutória do livro do professor, momento em que o autor tem oportunidade de convocar um aliado em sua proposta pedagógica; assim como o diálogo que mantém com o aluno, usuário desse material. Para efeito de análise, foram selecionados trechos significativos que permitem observar o tom que predomina nessa orientação. Além disso, é preciso considerar o título escolhido bem como as ilustrações como resultado de um processo expressivo em que a autoria pode ser percebida.

Desse modo, descarta-se a ideia de que um livro didático seja apenas a compilação de textos de modo aleatório. Ele resulta de um trabalho de pesquisa em que a autoria se manifesta na assinatura da obra porque:

1. Responde às necessidades do contexto e do público leitor;
2. Reage de modo interessado;
3. Imprime seu tom: a. na composição da coletânea; b. na escolha de textos; c. na proposição de tarefas e exercícios; d. no diálogo direto com o público a que se destina: professores e alunos.

A partir da escolha do título, *Português: língua e cultura*, o autor sinaliza de pronto o viés com que objetiva tratar as questões cruciais do ensino de língua portuguesa e literatura destinado ao Ensino Médio. Em primeiro plano, deixa entrever no título a concepção do Português como língua nacional com a qual se materializam todas as formas de comunicação, não só a normativa, considerando que por ela se expressam todas as manifestações do povo que constituem a cultura do país. No sumário, o tópico variações linguísticas sinaliza essa perspectiva teórica de inclusão de vozes não canônicas, mas consideradas relevantes ao lado da variante normativa.

Na seleção de textos, observa-se a preocupação em apresentar ao lado dos textos do cânon literário, outras formas de enunciados concretos que circulam nas

Sumário	
1. Concepção de língua	5
2. Grandes objetivos	6
Lectura	6
Escrita	9
Oralidade	10
Relações entre a linguagem	11
— A variação linguística e a questão da língua-padrão	11
— A realidade estrutural da linguagem	13
3. O ensino de Língua Portuguesa num currículo integrado	16
4. Considerações sobre metodologia e avaliação	17
— Metodologia	18
— Avaliação	20
5. Organização da coleção	20
— Bloco dos gêneros textuais	21
— A Enciclopédia da Linguagem	22
— Almanaque Gramatical	23
— Guia Normativo	24
— A História da Literatura	24
— Apêndices	24
6. Funções do livro didático	24
7. Sugestões bibliográficas	26
8. Apresentação dos capítulos do livro 1	28
Capítulo 1 — Histórias que a vida conta (1)	28
Capítulo 2 — Histórias que a vida conta (2)	34
Capítulo 3 — Histórias que nossa imaginação cria (1)	41
Capítulo 4 — Histórias que nossa imaginação cria (2)	43
Capítulo 5 — Narrativas curtas e longas	46
Capítulo 6 — Linguagem e linguagem (Enciclopédia da Linguagem - 1)	47
Capítulo 7 — A origem da linguagem (Enciclopédia da Linguagem - 2)	49
Capítulo 8 — A complexidade das línguas (Enciclopédia da Linguagem - 3)	50
Capítulo 9 — A fossilização das línguas (Enciclopédia da Linguagem - 4)	58
Capítulo 10 — Palavras, palavras: palavras: o léxico da língua	61
Almanaque Gramatical - 1	61
Almanaque Gramatical - 2	64
Capítulo 11 — Classificando as palavras (Almanaque Gramatical - 2)	66
Capítulo 12 — História da literatura brasileira: período colonial	66
Capítulo 13 — História da literatura brasileira: século 19 (1)	66
Capítulo 14 — História da literatura brasileira: século 19 (2)	68
Capítulo 15 — História da literatura brasileira: século 20 (1)	70
Apêndice 1 — Pontuação	72
Apêndice 2 — Acentuação gráfica	72
Apêndice 3 — Crase — Hifen	72

mais variadas esferas de atividade humana, como os dos gêneros discursivos de diferentes esferas de produção e circulação, tais como os jornalísticos e os publicitários, além de gêneros mais informais do cotidiano dos alunos. Sob esse aspecto, a cultura é considerada em seu espaço abrangente e multifacetado.

No sumário do Livro I, os capítulos sinalizam essa variedade, pois ao lado das questões normativas da língua, há seleção de textos significativos indicados no próprio título

dos capítulos: "Histórias que a vida conta"; "Histórias que nossa imaginação cria"; "Narrativas curtas e longas". Tal seleção de textos tem por objetivo atender ao interesse dos alunos, pois são crônicas breves, interessantes que dizem respeito ao

contexto imediato a princípio, para em seguida avançar em textos mais distantes no tempo. Há textos leves que se alternam a textos mais complexos de maneira equilibrada. Ao final, o autor traz a História literária do período colonial e do século XIX. Também não abandona as questões normativas essenciais para o domínio da linguagem escrita. Nesse primeiro recorte, é possível perceber o enfoque adotado pelo autor o que se confirma na Apresentação e nos tópicos do sumário dirigidos ao professor.

A inflexão do tom valorativo pode ser apreendida de modo mais claro, quando evidencia sua atitude responsiva/responsável na entonação que a materialidade linguística deixa entrever. Além disso, no diálogo com o professor expressa a sua posição ética, que marca sua assinatura.

A seguir recortamos trechos que podem ser considerados como expressão ideológica do autor diante da cultura e da língua. Ao fazer referência à ampliação dos segmentos sociais que têm acesso hoje ao Ensino Médio e à evolução tecnológica de grande impacto nas formas de aquisição de conhecimento, o autor marca sua posição:

Toda essa conjuntura nos obriga a repensar radicalmente a escola em geral e o Ensino Médio em particular. [...] No caso específico de Língua Portuguesa, o desafio é buscarmos adequar o seu ensino às novas circunstâncias, aproveitando os debates ocorridos nos últimos vinte anos e as propostas construídas nesse processo.

Nesse preâmbulo, o autor marca sua posição responsável e interessada no processo de aprendizagem do aluno, buscando resposta no interlocutor/professor como mediador responsável pelo processo. Para conquistar a confiança de seu público, há o uso de uma linguagem diretiva por meio da qual pontua todos os passos percorridos na elaboração da obra: "... apresentamos a você as coordenadas que orientam esta nossa coleção. Detalhamos nossa concepção de linguagem, os grandes objetivos do ensino de Língua Portuguesa, as diretrizes metodológicas e de avaliação."

Como é possível observar, o autor imprime seu tom valorativo já na apresentação do livro na escolha dos termos de natureza valorativa: "nossa concepção de linguagem", "grandes objetivos do ensino". É preciso também considerar que o autor não caminha sozinho nessa empreitada, conta com a colaboração do ilustrador

que também assume a responsabilidade da organização visual e artística da obra. Essa duplicidade autoral é marcada pela unidade harmônica do conjunto tendo em vista que as imagens procuram entrar em sintonia com a proposta da obra, dialogando com a proposta do autor de modo interativo.

Desde a capa do livro, observa-se de antemão a proposta enunciativa com que a obra é concebida, contando com a participação de diagramador, redator e artista plástico que nesse espaço entram em sintonia com o autor de modo a criar uma unidade enunciativa. Na concepção bakhtiniana de enunciado, não importa sua extensão, pois um enunciado pode ser materializado em uma única palavra, que cumpre o objetivo interativo de comunicação, como também pode ser representado em uma obra em sua totalidade (BAKHTIN, 2003), desde que expresse uma unidade comunicativa, como um romance, uma peça teatral, etc. Sendo assim, a capa que integra o livro didático anuncia a proposta enunciativa do autor: a de confrontar o antigo e o moderno numa relação interativa que atualiza o contexto histórico da tradição literária.



Ilustração de Carlos Cesar Salvadori

Em sua composição imagética, uma luminária que simula os antigos lampiões está centralizada e, sobrepondo-se a ela, há uma tela que parece com a de um computador, ou de uma janela que se abre ao leitor, pela qual se pode vislumbrar uma parte do livro aberto cujo restante escapa do enquadramento da tela e se encontra na mão de um sujeito hipotético, que pode ser o destinatário presumido pelo autor.

Os contextos antigo e moderno, colocados lado a lado metonimicamente pelos

em letras minúsculas de um verde amarelado, o restante do título: língua e cultura. Do lado esquerdo, em posição simétrica com a luminária, o nome do autor Carlos Alberto Faraco com um breve histórico de sua vida acadêmica e a seguir o termo “Ilustrações”, de responsabilidade de Carlos Cesar Salvadori. Do lado direito, sobre a imagem da tela a indicação “Manual do Professor”. Todas essas informações estão grafadas em tom escuro, destacando-se do fundo esverdeado com nuances em amarelo, rosa e marrom.

Ainda do lado esquerdo, logo abaixo das informações sobre os responsáveis pela obra, as indicações Língua Portuguesa, cujas letras bold estão preenchidas pela cor branca que também preenche as letras serifadas em caixa alta “Ensino Médio”. Logo abaixo, separada por duas linhas divisórias em amarelo está a indicação do Volume I. Centralizadas, no pé da página, as informações sobre a edição, o local e a data da obra. Do lado direito, no alto da página o logotipo e o nome da editora.

Tal arranjo deixa entrever pelo tratamento cromático em tons que tendem para o pastel, imagens antigas associadas a uma época moderna, sugeridas por mecanismos de leitura virtual. Antigo e moderno estão contrapostos num mesmo espaço, sem uma oposição radical entre as duas instâncias, como se fizessem parte de um contínuo discursivo, como propõe o autor no prefácio do livro.

Nas páginas iniciais, o autor expressa seu posicionamento no que diz respeito ao ensino da língua, não mais como um objeto descritivo e memorizável, de natureza mecanicista, mas como prática interativa e dinâmica:

Nossa concepção recusa esses olhares que alienam a linguagem de sua realidade social concreta. Nós a concebemos como um conjunto aberto e múltiplo de **práticas sociointeracionais, orais ou escritas, desenvolvidas por sujeitos historicamente situados.** (FARACO, 2010, p. 5)

Nesse primeiro recorte, o autor deixa entrever o diálogo com a teoria que lhe serve de fundamento, pois é a linguagem e não a língua em si que constitui o objeto de organização didática do livro. A linguagem, sob esse prisma, é entendida em sua realidade social, praticada por “sujeitos historicamente situados”, num processo interativo.

Sob esse aspecto, ao pontuar o conceito de linguagem que o orienta, o autor se confronta com a concepção de língua abstrata, muitas vezes explorada em livros

didáticos, indiretamente mencionada nos “olhares que alienam a linguagem de sua realidade concreta”. Expõe desse modo sua preferência, em sintonia com a teoria bakhtiniana que o orienta, demonstrando sua afinidade valorativa no processo interativo e dinâmico que envolve os interlocutores tanto aprendizes como mediadores. Abre, portanto, um espaço interativo com o professor, como um de seus interlocutores.

Acompanhando ainda sua proposta, observamos que o autor não segrega a linguagem em um único registro, mas procura aproximar-se da realidade comunicativa dos diversos segmentos sociais, inclusive do público a que a proposta se destina. Há por isso, uma aproximação valorativa das formas de expressão nos mais variados registros, evitando a discriminação social pelo uso de formas expressivas distantes do padrão. É o que o trecho abaixo sinaliza:

Ao mesmo tempo, aquela extensão nos permite propor, para a leitura das outras linguagens, as mesmas ações que previmos para a leitura dos enunciados falados ou escritos: a leitura crítica e responsiva.  
( FARACO, 2010, p. 6)

No entanto, procuramos aproveitar a história literária para uma compreensão dinâmica da nossa história cultural, oferecendo aos alunos a possibilidade de apreender o presente como resultado e parte de toda uma complexa história. (FARACO, 2010, p. 8)

Como pontua Sobral, falar de autor, segundo Bakhtin, implica pensar no contexto complexo em que este age. Envolve considerar, de um lado, o princípio dialógico (o que segue a direção do interdiscurso) e, do outro, os elementos sociais, históricos, etc. que formam o contexto da interação. Trata-se, como se pode ver, de elementos que estão imbricados nos próprios discursos, e que só aí nos são acessíveis (SOBRAL, 2012, p. 129).

Sendo assim, ao imprimir seu nome a uma obra de natureza didática, o autor, além de dialogar com o leitor presumido, dialoga também com os discursos que circularam, que circulam e que circularão para além de seu momento histórico. Dialoga, portanto, com a cultura num movimento interdiscursivo, imprimindo seu tom valorativo, com o qual procura atrair seu público.

## Conclusão

As reflexões motivadas pela análise desse breve recorte do livro didático de Carlos Alberto Faraco procuraram evidenciar a responsabilidade assumida pelo autor na elaboração de um livro aparentemente descolado dos valores que o constituem como sujeito. Entretanto, tais valores estão materializados na linguagem verbo-visual que constitui o livro, bem como na proposta do autor explicitada para seu público: professores e alunos. Assim, ao observar um livro didático como enunciado concreto, na perspectiva da análise dialógica do discurso, demonstrou-se que a escolha de um livro didático como auxiliar do professor no seu ambiente escolar, não pode ser feita sem levar em consideração a proposta autoral que o organiza.

Nessa linha de raciocínio, procura-se evidenciar a falácia de que uma obra de natureza didática está isenta dos valores éticos e estéticos de seu autor. Tais valores estão impressos de modo implícito tanto na seleção dos textos, na organização da sequência centrada nos tópicos dos capítulos, nas ilustrações das diversas seções, bem como no enunciado de capa que apresenta a proposta do autor, portanto, está no conjunto que lhe dá acabamento.

Como discutido anteriormente, não há neutralidade absoluta na pesquisa, nem na produção de material didático, ainda que ela se expresse por meio de uma concepção mecanicista de ensino (reveladora de um posicionamento desinteressado diante da vida) o que não é o caso deste autor selecionado para análise.

Sendo assim, ao analisar um livro didático como auxiliar pedagógico é interessante considerar o posicionamento situado do autor no contexto histórico social, a teoria de apoio que fundamenta sua pesquisa, bem como a visão ética de pesquisador/educador.

Além disso, cumpre observar também se o diálogo encetado pela obra encontra ressonância responsiva no projeto pedagógico da escola, dos professores responsáveis pelo ensino e pelo público aprendiz. Espera-se com essas considerações auxiliar os docentes na escolha e seleção de obras didáticas que devem servir-lhes de apoio, integrando um processo dialógico interativo e produtivo.



## Referências Bibliográficas

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. 1ª Ed., São Paulo: Musa Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Cronotopo e exotopia. In BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, (2006).

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. ( Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) 12ª ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In *Estética da criação verbal* (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

\_\_\_\_\_. O autor e a personagem na atividade estética. In *Estética da criação verbal* (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 3-192.

\_\_\_\_\_. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. (Trad. Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade), 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 1990, 13-70.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. (Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco). São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FARACO, C. A. *Português: língua e cultura*. 2ª ed. Curitiba: Base Editorial, 2010.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. (Trad. Ekaterina Vílkova Américo e Sheila Camargo Grillo) São Paulo: Contexto, 2012.

SOBRAL, Adail Ubirajara. A concepção de autor do "Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov": confrontos e definições. Macabéa: Revista *Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 123-142.

Recebido: 23.04.13

Aprovado: 15.05.13

---

\* **Miriam BAUAB PUZZO, Profa.Dra.**  
Universidade de Taubaté (UNITAU)  
Departamento de Comunicação Social  
E-mail: puzzo@uol.com.br